



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ROSILENE DOS SANTOS GONÇALVES

“AÍ EU CHEGAVA E VIA CANTANO O LIVRO”

**PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO (ÁGUA
BRANCA – AL): VIA DE ACESSO À CULTURA ESCRITA**

Delmiro Gouveia – AL

2020

ROSILENE DOS SANTOS GONÇALVES

“AÍ EU CHEGAVA E VIA CANTANO O LIVRO”

**PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO (ÁGUA
BRANCA – AL): VIA DE ACESSO À CULTURA ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Universidade Federal de Alagoas-UFAL Campus
Sertão como requisito obrigatório para a obtenção de
conclusão do curso de Letras, sob a orientação do
Professor Dr. Thiago Trindade Matias.

Delmiro Gouveia- AL

2020

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca do Campus Sertão

Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

G635a Gonçalves, Rosilene dos Santos

“Aí eu chegava e via cantano o livro” práticas de leitura em voz alta no Povoado Cancanção (Água Branca – AL): via de acesso à cultura escrita / Rosilene dos Santos Gonçalves. – 2020.

50 f.: il.

Orientação: Thiago Trindade Matias.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Prática de leitura. 2. Leitura coletiva. 3. Roda de conversa. 4. Oralidade. 5. Povoado Cancanção – Água Branca – Alagoas. I. Matias, Thiago Trindade. II. Título.

CDU: 808.545

FOLHA DE APROVAÇÃO


ROSILENE DOS SANTOS GONÇALVES

“AÍ EU CHEGAVA E VIA CANTANO O LIVRO”

**PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO
(ÁGUA BRANCA – AL): VIA DE ACESSO À CULTURA ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Alagoas-UFAL Campus Sertão como requisito obrigatório para a obtenção de conclusão do curso de Letras, sob a orientação do Professor Dr. Thiago Trindade Matias.

Aprovado em 29 de dezembro de 2020.



Prof. Dr. Thiago Trindade Matias – UFAL
(Orientador)

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Fábica Pereira da Silva – UFAL
(Examinadora Interna)



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva - UFAL
(Examinador Interno)

DEDICATÓRIA

Primeiramente a **Deus**, por ser minha força maior.

Aos meus **pais** símbolo de minha existência.

Aos meus **irmãos**, que sempre estiveram ao meu lado, dando incentivo quando mais precisei. Em especial, **Rosivânia, Maria José, Raqueline e Maria Rosineide**

Ao meu esposo **Gildacio** por sempre me apoiar.

Ao meu orientador Prof. **Dr. Thiago Trindade** pelo apoio e paciência em minha formação.

E aos **amigos e família** que sempre se fizeram presentes em minha jornada.

Agradecimento

Hoje faço uso dessas poucas linhas para agradecer, primeiramente, a Deus por ter me dado força durante minha jornada acadêmica. Eu sei, não foi fácil, mas é com imensa satisfação que agradeço àqueles que direta e indiretamente me deram toda a força necessária de que eu precisava.

Agradeço aos meus pais, Ednaldo e Maria Aparecida, por minha existência e pela força que me deram.

Às minhas irmãs, Maria José, pelas batalhas que enfrentamos juntas no início do curso; Maria Rosineide, pelo incentivo e puxões de orelhas que me deu, e irmãos pela força que me deram.

Aos meus familiares: Avó, avô, tios e tias, primos e primas.

A meu avô Josias Manuel dos Santos primeiramente por ser um grande homem, por ceder seu tempo para eu concluir minhas pesquisas.

Ao meu esposo Gildacio por aturar todo meu estresse e por algumas vezes eu ficar ausente, também não poderia deixar passar os puxões de orelha que ele me deu para finalizar logo o TCC.

A Clerivaldo Ventura por ser um parceiro de trabalho e de jornada enfrentada na UFAL, passamos grandes desafios juntos, perdemos muitas madrugadas mal dormidas para assim concluir trabalhos e para tirarmos as dúvidas um do outro em dias de provas. Aprendemos a estudar online, pois essa foi a única forma que encontramos para estudar a distância, não se contam as vezes que ele serviu de amparo para enxugar meus prantos em momentos de desespero. Quantas vezes também pensei em desistir achando incapaz de conseguir sair da Universidade com o diploma. Se isso foi possível devo a ele.

A Dinara Kelle, um anjo que a UFAL me deu, com ela aprendi muitas coisas, enfrentei grandes desafios, mas também me diverti bastante.

À minha turma dedicarei meus sinceros agradecimentos por ter me aturado por quatro anos, também enfrentamos alguns desafios juntos, assim como os desafios

tivemos momentos de alegria, descontração, tivemos luto pós-prova, organizamos um café com a turma, fizemos chá de fralda e até eu ganhei bolo de aniversário, minha turma foi **A TURMA**.

Meu agradecimento também vai para a turma da marmitta compartilhada: Raket Teodoro e Raqueline, que sempre dividíamos nosso almoço umas com as outras para sobreviver no *campus* enquanto cumpríamos nossas horas semanais com projetos.

Também não poderei esquecer da gratidão do meu orientador Prof. Dr. Thiago Trindade a quem eu tive o prazer de acompanhar desde 2014.1. Tenho a honra de ser orientanda dessa grande figura. Agradeço-lhe não só por ele ter me ensinado, mas por fazer parte da minha história durante meu percurso de estudante universitária.

Em nome de Sérgio de Oliveira, professor do ensino fundamental, e Vitória Dantas, professora do ensino Médio, venho agradecer a todos os professores pelo incentivo a seguir com os estudos. Em nome do ilustre professor Márcio Ferreira, agradeço a todos os professores da UFAL que fizeram parte da minha trajetória escolar e acadêmica.

Agradeço também a comunidade Cansanção por ser meu principal objetivo de estudo e pesquisa e ao morador que se disponibilizou a colaborar para que eu realizasse minha pesquisa.

E quem disse que eu ia esquecer daqueles que tanto duvidaram de mim, se hoje estou aqui foi graças a vocês que me achavam incapaz, só queria dizer aos que tanto duvidaram que eu não concluía o ensino médio por conta da distância, hoje estou me formando em Letras, se hoje estou com um diploma em minhas mãos, devo isso a vocês, pois foi através dos seus pensamentos negativos que eu busquei ser alguém na vida só para mostrar que quando queremos uma coisa conseguimos independente de qualquer opinião.

Deixo meu muito obrigada a todos que contribuíram em minha formação.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Paulo Freire)

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as práticas de leitura no Povoado Cansanção, localizado na cidade de Água Branca – AL, por volta da segunda metade do século XX. Nosso interesse de investigação, de fato, se volta a interpretar, especificamente, as práticas de leitura em voz alta ocorridas em chamadas *Rodas de conversa*. Este estudo foi realizado no Povoado Cansanção por meio de entrevista semiestruturado com o intuito de analisar as práticas de leitura em voz alta. Foram realizadas 2 entrevistas, no período de 13/06/2019 a 23/07/2019. Do ponto de vista da fundamentação teórica, em linhas gerais, baseamo-nos em Galvão (2002, 2003 e 2007), Castillo Gómez (2003), CHARTIER, Roger (1998 e 1945). Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos, essa pesquisa se classifica por meio do estudo documental e qualitativo. Por meio deste estudo, foi possível verificar que a literatura em cordel se apresenta com um papel importantíssimo no povoado por mostrar a interação de pessoas letradas e não letradas na hora das Rodas de Conversas.

Palavras chaves: prática de leitura; literatura; cultura escrita; leitura oralizada.

Resumén

La presente investigación tiene como objetivo analizar las prácticas lectoras en Poblado Cansanção, ubicado en la ciudad de Água Branca - AL, alrededor de la segunda mitad del siglo XX. Nuestro interés investigador, de hecho, pasa a interpretar, en concreto, las prácticas de lectura en voz alta que se produjeron en los llamados círculos de conversación. Este estudio se llevó a cabo en Poblado Cansanção mediante una entrevista semiestructurada para analizar las prácticas de lectura en voz alta. Se realizaron dos entrevistas, del 13/06/2019 al 23/07/2019. Desde el punto de vista del fundamento teórico, en general, nos basamos en Galvão 2002, 2003 e 2007), Castillo Gómez (2003), CHARTIER, Roger (1998 e 1945). En cuanto a los procedimientos teórico-metodológicos, esta investigación se clasifica mediante estudio documental y cualitativo. A través de este estudio se pudo constatar que la literatura cordel se presenta con un rol muy importante en la aldea por mostrar la interacción de personas alfabetizadas y analfabetas en el momento de las Ruedas de Conversación.

Palabras clave: práctica lectora; literatura; cultura escrita; lectura oralizada.

Lista de ilustrações

Figura 1: Satélite do percurso de Água Branca ao Povoado Cansanção	23
Figura 2: Coronel Ulisses Luna	24
Figura 3: Xilogravura.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA: ENTRE DEFINIÇÕES, OBJETIVOS E MÉTODOS	15
2.1. História da cultura escrita	15
2.2. A que se destina a História da Cultura Escrita e o que busca investigar?	19
3. HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO – AL: ENTRE HISTÓRIAS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	23
3.1. A história do povoado Cansanção	23
3.2. Procedimento teórico-metodológico de análise	27
3.2.1. Dados do colaborador	28
4. HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO – AL: ENTRE OS MODOS APROPRIAÇÃO, TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO	30
4.1. Práticas de leitura em voz alta no Povoado Cansanção: como se davam as <i>Rodas de conversa</i> ?	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
Apêndice	44
Anexos	45

1. INTRODUÇÃO

A Cultura escrita¹ é o lugar simbólico e material que o escrito ocupa em um determinado grupo social, comunidade ou sociedade, pois ela diz respeito à compreensão das práticas de ler e de escrever de determinadas comunidades ou até mesmo de um único sujeito, demarcadas em um momento específico da história.

Tratando-se da história das práticas de leitura, sabe-se que no decorrer da história não se leu das mesmas formas, ou seja, essas histórias das práticas das leituras são também uma história dos atos e gestos de ler, seja o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama. De acordo com Chartier (2009, p.79), foi a partir do século XVIII que, quanto às práticas de ler, permitiram-se comportamentos mais variados e mais livres, ao menos quando são colocados em cena ou no quadro de gravuras.

De acordo com Castillo Gómez (2003), a História da cultura escrita, tipo específico de História cultural², busca interpretar as práticas de ler e de escrever num determinado tempo específico. Levando em consideração esses princípios de que as práticas de leitura, no decorrer do tempo, não se dão da mesma forma e de que seja possível interpretá-las, buscando analisar, por exemplo, a função social que a cultura do escrito ocupou, em determinado tempo e lugar, surgiu o interesse em investigar as práticas de leitura ocorridas, na segunda metade do século XX, no Povoado Cansanção, localizado no município de Água Branca, região do sertão alagoano. Essas leituras ocorriam nas chamadas “*Rodas de conversa*”, essas Rodas de conversa ocorriam em um espaço por meio de momentos de descontração e conhecimento entre moradores.

Assim sendo, este trabalho, do ponto de vista do objetivo geral, busca analisar como se davam as práticas de leitura no Povoado Cansanção, por volta da segunda metade do século XX. Nosso interesse de investigação, de fato, se volta a interpretar,

1 Galvão (2010) diz que: A cultura do escrito é o lugar simbólico e material que o escrito ocupa em determinado grupo social, comunidade ou sociedade e que ela diz respeito à compreensão de que a cultura escrita, principalmente em sociedades complexas, não é homogênea.

2 Pensada a partir de Chartier (1990). Sobre este termo, daremos a definição no próximo capítulo.

especificamente, as práticas de leitura em voz alta ocorridas em chamadas *Rodas de conversa*, segundo relatos de alguns moradores, por meio da circulação de livros de literatura de cordel, a saber “*A triste sorte Jovelina, de 1945*, e “*Grinaura e Sebastião, de 1978*”. O acesso a esses textos se davam por meio da oralidade, uma vez que os textos eram lidos por aqueles que sabiam ler, e ouvidos por aqueles que não sabiam, muito embora cremos que também pode se ler “de ouvido”, isto é, quem ouve, também, é leitor.

Diante disso, esta investigação, do ponto de vista dos objetivos específicos, propõe-se a:

- i. Coletar e catalogar, por meio da perspectiva da História oral, as memórias dos sujeitos leitores/ouvintes investigados.
- ii. Compreender a funcionalidade e o papel que o cordel exerceu como material impresso responsável pela inserção de sujeitos na cultura do escrito.
- iii. Investigar como se dava, pelos sujeitos leitores/ouvintes, o processo de circulação e apropriação daquelas obras de cordel, no Povoado Cansanção.

A fim de atender a nosso propósito de investigação, buscamos responder aos seguintes questionamentos: como as obras eram lidas? Como foram adquiridas? Quem vendeu? Quem comprou? Os sujeitos que liam e os sujeitos que liam/ouviam? Onde se lia/ouvia? Em que espaço? Com que frequência? Através de que fonte chegou ao livro?

A ideia para a realização desta pesquisa surgiu a partir de minha participação no Grupo de Estudo da História da Cultura Escrita – GEHCE – UFAL / Campus do Sertão, sob a coordenação do Prof. Dr. Thiago Trindade Matias. O acesso à leitura de alguns textos me despertou a curiosidade de uma investigação em uma determinada localidade que fazia uso das práticas de leitura voltadas para literatura cordel em meados do século XX. Essa pesquisa, como já dissemos, se deu no Povoado Cansanção por tratar-se de uma comunidade em que havia um baixo número de pessoas que tinham acesso à escola, isso acontecia em decorrência da distância e por falta de condições financeiras, pois na época não existiam escolas públicas e as

peças que frequentavam a escola eram aquelas que tinham melhores condições financeiras, impedindo que jovens com baixa renda frequentassem a escola e buscassem novos conhecimentos e aprendizagens.

Neste sentido, percebemos que as *Rodas de conversa* ou de leitura eram espaços não-oficiais de escolarização, que eram tidas como um meio de socialização entre alguns membros presentes na comunidade.

Este trabalho, de um modo geral, se filia à perspectiva teórico-metodológica de Castillo Gómez (2003), sobre a História da Cultura escrita, e sobre Chartier (1990, 2009), sobre a História cultural. Também, se relaciona no ponto de vista de Galvão (2003), ao pensar Oralidade, memória e narrativa como elementos para a construção da cultura escrita.

Quanto aos aspectos metodológicos, podemos descrever que a pesquisa se dá de acordo com Gil (2008). Quanto aos objetivos é exploratória, e quanto aos procedimentos técnicos é bibliográfica e documental. Para a realização desta pesquisa, seguimos as etapas descritas abaixo:

1. *Levantamento bibliográfico*; coleta e estudo de fontes bibliográficas que embasaram a pesquisa;

2. Coleta dos dados e levantamento das fontes;

2.1 Entrevista oral: por meio de entrevista semiestruturada.

Os textos que contribuíram para minha pesquisa quando se tratando de História oral foram: Gêneros narrativos em história oral (MEIHY, 2011) e Literatura e práticas de leitura nos domínios da oralidade (QUINTELA, 2013).

2.2 *Transcrição das entrevistas e catalogação dos dados*: tratamento documental destinado a dar uma melhor organização e a devida valorização às fontes consultadas.

3. *Análise dos dados*: analisar a circulação e transmissão dos livros, assim como os sujeitos envolvidos nesta prática da cultura escrita, assim como sujeito leitor/ouvinte.

A fim de atender ao que propusemos na pesquisa, este trabalho, além desta Introdução, se organiza em outras três partes, a saber: no segundo capítulo *História da cultura escrita: entre definições, objetivos e métodos*, fazemos uma discussão sobre o que é a História de Cultura Escrita e a área investigada. O terceiro capítulo *Histórias das práticas de leitura em voz alta no Povoado Cansanção – AL: entre histórias e procedimentos teórico-metodológicos* se destina a fazer um apanhado da história do povoado Cansanção e os dados metodológico ou dados metadados do colaborador. Já no quarto capítulo *Histórias das práticas de leitura em voz alta no Povoado Cansanção – AL: entre os modos apropriação, transmissão e recepção* se destina na análise dos dados.

Ao final, são apresentadas as Referências bibliográficas e as considerações finais utilizadas ao longo da realização deste trabalho.

2. HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA: ENTRE DEFINIÇÕES, OBJETIVOS E MÉTODOS

Neste capítulo, fazemos uma breve discussão à luz da História da Cultura Escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2003), (GALVÃO, 2007; 2010), campo interdisciplinar que se destina a interpretar e analisar as práticas de leitura e escrita. Buscamos, também, definir seus interesses e métodos de investigação.

2.1. História da cultura escrita

De acordo com estudos de Castillo Gómez (2003) e Galvão (2007), a História da Cultura Escrita é um campo que investiga as práticas de ler e escrever. Nesse sentido, é preciso destacar, inicialmente, o que entendemos por *escrita*, elemento que permeia, em linhas gerais, essas práticas.

De acordo com Langeli *apud* Castillo Gómez, (2003, p. 95), a escrita:

[...] significa un universo, y no sólo un instrumento, comunicativo, cognoscitivo, expresivo; un punto de intersección entre lo individual y lo colectivo; un sistema de signos y de normas, su apropiación y su uso (activo y pasivo); el acto del escribir y su producto, tanto en la cualidad técnico-material como en la cualidad de texto (contenido y estructura)³.

A escrita é um universo, porque ela aproxima pessoas e é um centro de muitas relações comunicativas, nesse sentido ela não é só um instrumento comunicativo, ela estabelece uma relação entre o individual e entre o coletivo, ou seja, a escrita aproxima pessoas, ela aproxima quem está distante, nesse sentido a escrita sai de uma noção de mero código. Nesse sentido, a escrita tem uma função, pois serve para estabelecer comunicação entre as pessoas, pois essas relações têm mediação com a escrita e há um processo de apropriação e uso, ou seja, nem todas as pessoas se apropriam ou têm acesso ao escrito da mesma maneira. Justamente porque as relações comunicativas são diversas. Até mesmo aquelas que são mediadas pela escrita, ou até mesmo, por meio de uma escrita que passa a ser lida em voz alta.

³ [...] significa un universo, e não só um instrumento comunicativo, cognitivo, expressivo; um ponto de interseção entre o individual e o coletivo; um sistema de signos y de normas, sua apropriação e seu uso (ativo ou passivo); o ato de escrever e seu produto, tanto na qualidade técnico-material como na atualidade de texto (conteúdo e estrutura).

Segundo Galvão (2010, p. 18), as práticas de ler e de escrever estão situadas num determinado tempo e espaço. Para isso, a autora define ser Cultura escrita⁴

[...] o lugar simbólico e material que o escrito ocupa em para determinado grupo social, comunidade ou sociedade. Essa definição traz de imediato, algumas consequências, que diz respeito à compreensão de que a cultura escrita, principalmente em sociedades complexas, não é homogênea. Nesse sentido, é utilizada a expressão cultura do escrito. Ela é capaz de expressar que não existe um único lugar para o escrito em determinada sociedade ou determinado grupo social. O uso da palavra “escrito” em lugar de “escrita”, por sua vez, serve para destacar que estamos nos referindo não apenas às habilidades de escrever como se poderia supor, à primeira vista ao se usar o feminino escrita, mas a todo e qualquer evento ou prática que tenha como mediação a palavra escrita.

Com essa citação, fica claro que a escrita ou o escrito, conforme Galvão (2010), é recebida de diferentes maneiras pelos grupos sociais, ou seja, a palavra “escrito” no masculino serve para mediar que ela faz referência a qualquer tipo de escrita desde o ouvir ao ler, do falar ao escrever, até mesmo ao ler ouvindo.

Galvão (2007) faz uma pequena abordagem sobre a cultura escrita (ou *cultura do escrito*) que se fundamenta em algumas consequências: a primeira diz respeito à compreensão de que cultura escrita não é homogênea em sociedades complexas, ou seja, isso quer dizer que não existe um lugar único para determinada sociedade ou grupo social. Nesse sentido, a cultura escrita está em meio a tudo e todos.

A segunda consequência está no papel ocupado pelos sujeitos em meio à produção da cultura escrita, nesse sentido é pouco produtivo que no ponto de vista da pesquisa afirmar que os indivíduos ou uma sociedade se insiram ao entrar na cultura escrita ou tem acesso a ela. Terceira e última consequência destaca os lugares em que o escrito ocupa que não são os mesmos para os diferentes sujeitos ou grupos sociais, ou seja, nesse sentido ele é considerado mais adequado e traz consequências, como maior poder em determinadas culturas.

A História da Cultura Escrita caracteriza-se como um campo de investigação interdisciplinar o qual trabalha diversas abordagens que contribuem para ajustar e delimitar o que de fato interessa, que de acordo com o que foi citado anteriormente seu interesse se volta à interpretação das práticas sociais de leitura e de escrita.

4 Por questões teórico-metodológicas, optamos pela expressão *História da Cultura Escrita*, à luz de Castillo Gómez (2003), para nos referirmos tanto as práticas de ler quanto as de escrever, em variados espaços e tempo.

Dentre alguns dos interesses desse campo de investigação, estão alguns objetivos propostos por Cardona (2003) que também busca investigar aspectos de produção escrita a partir do momento, ao “[...] reconstruir, a partir de los propios testimonios escritos y sin obviar su análisis formal, el significado y el uso que le han dado las respectivas sociedades a lo largo del tiempo.” (CARDONA *apud* CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96).

A História da Cultura Escrita se interessa em interpretar as práticas de ler e escrever, mais ela também se interessa em reconstruir os usos no passado, ou seja, esses usos em uma sociedade em um determinado tempo.

Esse campo de investigação também se destina a investigar as principais perspectivas relacionadas ao ato de ler e de escrever, mostrando que a cultura escrita é um “programa” de pesquisa que se volta ao uso e quem tem (teve) acesso a essa cultura, dando assim inteligibilidade aos fenômenos em diferentes tempos históricos (GALVÃO, 2010).

Com base nos estudos de Castillo Gómez (2003), podemos listar algumas outras definições atribuídas à História da Cultura Escrita, a saber:

- a. “[...] **no debe confundirse** ni con la mera identificación de los tipos gráficos usados en un determinado momento ni tampoco con la pura descripción de un documento, un libro inscripción o cualquier otro testimonio escrito”. (p. 97, grifo nosso)⁵.
- b. “[...] **una forma de historia cultural** centrada específicamente en los **objetos escritos** y en los **testimonios**, de **cualquier índole**, que conciernen a sus distintos **usos** y a sus **varias funciones**.” (p.10, grifo nosso)⁶.
- c. “[...] aquélla que **trata de explicar** el escrito en cada una de las etapas que jalonan su trayectoria. En cierto modo, cada tiempo determina sus problemas de estudio y las maneras de afrontarlo, aunque, por supuesto, con esto no quiero decir que haya que romper la unidad del hecho escrito.” (p.116, grifo nosso)⁷.
- d. “[...] una **disciplina** comprometida con el conocimiento de “las sociedades pretéritas a través del prisma constituido por las diferentes formas de producción, uso y conservación de la cultura escrita, de los textos (de todos los textos), del universo textual que constituye la memoria escrita de una sociedad dada”. Desde esa

⁵ “[...] não deve confundir-se nem com a mera identificação dos tipos gráficos usados em um determinado momento nem tão pouco com a pura descrição de um documento, uma inscrição de um livro ou qualquer outro testemunho escrito”.

⁶ “[...] uma forma de história cultural centrada especificamente nos objetos escritos e nos testemunhos de qualquer índole, que que concernem a seus distintos usos e a suas várias funções.”

⁷ “[...] aquela que trata de explicar o escrito em cada uma das etapas que marcam sua trajetória. Em certo modo, cada tempo determina seus problemas de estudo e as maneiras de afrontá-lo, ainda que, é claro, com isso eu não quero dizer que tenha que romper a unidade do feito escrito.”

perspectiva dos son las coordenadas principales a las que habrá que atender: el estudio de las estrategias de dominación simbólica y el de las prácticas de apropiación de los objetos culturales.” (p.123, grifo nosso)⁸.

Como se vê, a partir do que fora dito por Castillo Gómez (2003), a História da Cultura Escrita é um tipo específico de História cultural que, por meio de objetos escritos e de testemunhos de qualquer estrutura, busca analisar seu uso e suas respectivas funções.

Além disso, para o autor, a História da Cultura escrita é um campo de investigação, uma forma específica de história cultural, uma disciplina, um campo de investigação, que busca investigar qualquer testemunho escrito, busca analisar práticas sociais de ler e de escrever.

A escrita apresenta-se na citação anterior como uma reação, pois ela é um processo de aprendizagem entre a interação de texto, autor e leitor, dessa forma podemos entender a História da Cultura Escrita como algo que transcende, que vai além dos aspectos dos sistemas gráficos, ou seja, seus objetivos maiores vão além de investigar aspectos tecnológicos da escrita e das relações sociais mediadas por ela.

A partir dessas definições, vale destacar algumas perspectivas teórico-metodológicas que contribuem para os trabalhos em História da Cultura Escrita, mas também a levam a categoria de campo de investigação.

No intuito de abordar aspectos ao uso do ler e escrever, pontuando em primeiro momento a proposta da História Cultural, pensada a partir de Chartier (2002), “[...] que tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Também há a prática historiográfica da micro-história, ela se baseia numa “[...] redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136). Nessa abordagem, a partir da perspectiva da *Nova*

⁸ “[...] uma disciplina comprometida com o conhecimento das "sociedades do passado sob o prisma constituído pelas diferentes formas de produção, uso e conservação da cultura escrita, dos textos (de todos os textos), do universo textual que constitui a memória escrita de uma determinada empresa”. Nessa perspectiva, há duas coordenadas principais que terão de ser abordadas: o estudo das estratégias de dominação simbólica e o das práticas de apropriação de objetos culturais.”

história, o documento é levado à categoria documento-monumento, sobre isso afirma Le Goff (1990, p. 540) “[...] tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira”. Também há o Paradigma indiciário: “[...] capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente.” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Como podemos ver, a História da Cultura Escrita caracteriza-se como um campo interdisciplinar, o qual recebe contribuições de diversas abordagens. Nesse sentido, a fim de esclarecer mais informações sobre a História da Cultura Escrita, no tópico seguinte, falamos sobre os objetos de investigação desse campo.

2.2. A que se destina a História da Cultura Escrita e o que busca investigar?

A escrita apresenta-se através de um processo de aprendizagem no qual há uma interação entre texto, autor e leitor. Dito isso, levamos a considerar que a História da Cultura Escrita como campo de investigação, a fim de dar conta dessa relação entre autor e leitor, ou diríamos ainda, autor e leitor/ouvinte, vai além dos aspectos gráficos, pois

[...] la historia de la cultura escrita trasciende la consideración de la escritura como un mero sistema gráfico para interrogarse principalmente por sus distintas funciones y las consiguientes prácticas materiales.” (CARDONA *apud* CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96)⁹.

De acordo com o que foi mencionado por Cardona, a História da Cultura Escrita transcende a noção de escrita como um mero sistema gráfico, ou seja, ela se apresenta através de diferentes funções que estão relacionadas não só com a escrita e sim com o escrito mencionado por Galvão (2010), pois a História da Cultura Escrita se ocupa com diversas práticas materiais que é o ler e escrever.

Levando em consideração esses aspectos da História da Cultura Escrita, é importante salientar que com o passar dos anos podemos perceber que houve

⁹ [...] a história da cultura escrita transcende a consideração de a escrita como um mero sistema gráfico para interrogar-se, principalmente, por suas distintas funções e as práticas materiais consequentes.”

mudanças em relação a esse campo interdisciplinar, uma vez que essa linha de investigação se volta ao modo pelo qual se tem acesso a essa cultura, seja por apenas um sujeito social ou por um grupo.

Galvão (2010, p, 221), a partir de consulta ao Banco de Dados da Capes, verificou que as pesquisas em História da Cultura Escrita se dão a partir de cinco “entradas”, a saber: uma é instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais; a outra é o lugar que é ocupado pelo escrito em outros tempos e lugares, ou seja, é a partir desse lugar que se faz uma história dos objetos que lhe dão suporte; a outra é tempos e espaços que tem uma via de entrada na cultura escrita; a outra linha de entrada são os sujeitos em suas vivências do cotidiano construindo lugares simbólicos e materiais por meio de suas histórias que é ocupado em sociedades e grupos que se constituem; uma outra via de entrada é a que busca investigar os meios de produção e transmissão das muitas formas que o fenômeno assume.

A partir dessas entradas, a autora mapeou os principais objetos ou meios que já foram interesse de investigação, segundo Base de dados da Capes. Ela verificou que os trabalhos em História da Cultura Escrita estão assim distribuídos, em relação às “vias de entrada”, a saber: objetos: 34,4%; sujeitos, 25,6%; instâncias 25,6%. Quanto às áreas de conhecimento que se dedicam às pesquisas estão: Educação 35,9 %; Letras e Linguística 25,7 %. Quanto aos “Períodos” mais estudados: século XX 59,1%, século XIX e XX 22,4%. Quanto as “Instâncias” o que mais foi estudado: a imprensa 23,4%; escola, 18,9%. Quanto aos “Objetos”, os assuntos mais estudados foram as Obras literárias 18,1%; livros didáticos 17,4%. Quanto aos tipos “Suportes” mais analisados: o impresso 68,9%; oral 13,3%. Quanto aos “Sujeitos”, escritor 30,6%, mulheres 17,1%. Em relação aos “Modos de transmissão”, o mais estudado foi o oral 58,8%, oral e escrito 35,3%.

Como vimos, a partir de Galvão (2010), as investigações em História da Cultura Escrita se voltam ao uso do escrito, à capacidade de ler e escrever, a suas materialidades de escritas em diferentes lugares, tempos e formas.

Desse modo, entendemos que a História da Cultura Escrita vem ganhando nome e significado nos últimos anos, basta voltarmos aos dados obtidos por Galvão (2010), além de trabalhos como os de Roger Chartier, Castillo Gómez, entre outros interessados em analisar a relação entre sociedade e cultura escrita. Esses interesses

em analisar o uso da leitura e da cultura escrita se dão em relação às práticas sociais. Conforme Castillo Gómez (2003, p.15),

Si nos atenemos al número de títulos publicados en las dos últimas décadas o a las iniciativas académicas y culturales que han tenido su reclamo em el mundo de la escritura y del libro, podría afirmarse que los estudios sobre historia de la cultura escrita gozamos de buena salud.¹⁰

A História da cultura escrita é uma linha de investigação a qual vem focalizado o sujeito onde está inserido, ou seja, essa linha de investigação estuda as trajetórias de analfabetos, semianalfabetos e novos letrados, mostrando que a leitura e a escrita não precisam de “domínio”. Nesse sentido, Galvão (2010, p.229) aborda que:

Esses estudos se somam aos trabalhos que o campo da história da educação vem produzindo nas últimas décadas. Recorrendo a vários tipos de fontes – como mapas de matrículas, relatórios de inspetores, programas de ensino, livros, caderno e outras fontes até então pouco exploradas, além de visitar a legislação, os pesquisadores tem construído pelo menos uma escala provincial/ estadual, alguns dados sobre escolarização.

Como vimos, de acordo com as pesquisas de Galvão (2003, 2010), Castillo Gomez (2003), Chartier (1990, 2009) e tantos outros estudiosos, verificamos que a História da Cultura Escrita é marcada por investigações voltadas tanto ao papel da escola quanto da imprensa, mas também do acesso à cultura escrita por sujeitos com níveis de letramento variados, sujeitos com nível de letramento mais baixo. Mas também, não podemos deixar de considerar que o acesso à cultura escrita também pode se dar via oralidade, por meio das práticas de leitura oralizada.

Como mencionado anteriormente sobre a leitura em voz alta ela nada mais é que uma expressão que se faz oralmente, esse tipo de leitura ocorria no povoado onde foi feito a pesquisa principalmente por falta de escola levando as pessoas a lerem umas para as outras. Essas práticas aconteciam de forma coletiva permitindo a participação de indivíduos analfabetos e semianalfabetos por meio da socialização do

¹⁰ Se olharmos o número de títulos publicados nas últimas duas décadas ou as iniciativas acadêmicas e culturais que têm tido sua reivindicação no mundo da escrita e do livro, pode-se afirmar que os estudos sobre a história da cultura escrita estão de boa saúde.

tão sonhado aprendido que era retido dos encontros que ocorria em meio as rodas de Conversas.

A leitura em voz alta proporcionou que pessoas analfabetas se tornassem leitores por meio da voz do outro, ou seja, quem não sabia ler ouvia e passava para o outro o que aprendeu em meio a socialização da leitura o aproximando de um universo que para ele era desconhecido. Nos tempos em que a escolarização era tardia a leitura oralizada tinha um punho importantíssimo por predominar em espaços sociais como modo de comunicação.

Como podemos perceber, a leitura em voz alta tem o poder de aproximar crianças e adultos no dito processo de alfabetização ensinando-lhe que ler também é compartilhar sentidos e emoções por meio da coletividade.

Nesse sentido e a partir dessa breve reflexão teórico-metodológica, partiremos para a descrição e análise de nosso objeto de investigação: as práticas de cultura escrita no povoado Cansanção – AL, na segunda metade do século XIX.

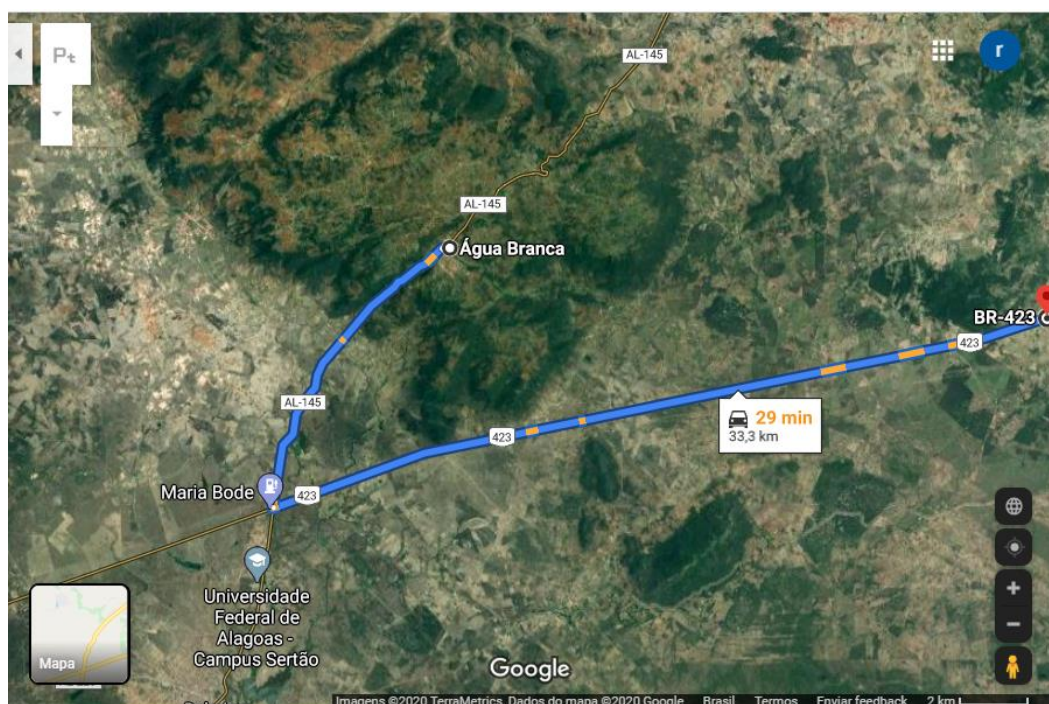
3. HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO – AL11: ENTRE HISTÓRIAS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No capítulo anterior, após um breve comentário sobre a História da cultura escrita e seus interesses de investigação, fazemos, neste capítulo, primeiramente, um breve histórico do Povoado Cansanção, em seguida, expomos dados referentes ao procedimento teórico-metodológico de análise, como também dados do colaborador da pesquisa.

3.1. A história do povoado Cansanção

O povoado Cansanção, pertencente ao município de Água Branca, no Estado de Alagoas, encontra-se a 33,3 km do centro da cidade sede e a 274,8 Km de Maceió, capital do Estado de Alagoas). A Comunidade, na segunda metade do século XX, tinha em média uma população de 30 habitantes.

Figura 1: Via satélite do mapa do percurso de Água Branca ao Povoado Cansanção



Fonte: Google maps

11 Os dados descritos nesta seção, referentes à Comunidade Cansanção, são oriundos de fontes oficiais e também baseados em fontes não oficiais, nos relatos obtidos por meio das entrevistas com o colaborador da pesquisa e nos dados dos agentes de saúde do município. Isso se justifica pelo fato de termos dificuldade em encontrar informações sobre a Comunidade.

Ao desvendar a história da comunidade Cansanção, buscamos mostrar que com o início de seu surgimento, na primeira metade no século XX, a comunidade era carente de todos os requisitos que são oferecidos hoje pelo Governo municipal, ou seja, naquela época não havia posto de saúde, saneamento básico, água encanada e muito menos escola, levando os moradores a andarem muitas léguas a pé para buscar uma educação de qualidade. As aulas, que aconteciam, se davam em casas e eram, na época em que professores faziam uso da palmatória. Essa era a única forma de buscar uma educação de qualidade. Naquele tempo, o que havia era a fazenda do coronel Ulisses, muitas terras e o engenho cobra, zona rural de Água Branca AL.

Figura 2: Coronel Ulisses Luna



Fonte: Cariri Cangaço

Considerado o colonizador do sertão, Ulisses casou-se 4 vezes e ficou viúvo 3 vezes, ele teve 18 filhos dos 4 casamentos. Por ele ser um coronel e por ser temido por todos naquela região, ele fazia reuniões políticas no casarão, lugar que nunca foi roubado ou invadido pelo cangaceiro Lampião. Bem em frente à sua casa, havia uma estrada que era passagem obrigatória dos colonos da época, e as pessoas saudavam o velho líder político, os homens tirando o chapéu, e as mulheres inclinando-se em respeito ao coronel que era o protetor de todos na região. De acordo Nascimento (2018), todos buscavam arrego, pediam proteção a Ulisses Luna, devido ao seu poderio e força política, como vemos na citação a seguir que menciona a proteção solicitada pelo governador de Alagoas ao empreendedor, recém-chegado ao sertão alagoano, Delmiro Gouveia. Declara Nascimento (2018, p. 106)

Seria esse cenário político que Delmiro Augusto de Cruz Gouveia iria encontrar ao se estabelecer no sertão de Alagoas, em novembro de 1902. Euclides, governador, logo lhe garante proteção, vez que ele estava, segundo sabemos sob ameaça de prisão e morte em Pernambuco. Recomenda-o o governador, ao parente e aliado político de Água Branca, Ulysses Luna, determinando que lhe fosse dada proteção para que nada viesse a acontecer a seu protegido.

Nas propriedades do Coronel Luna, era produzido cana e também havia a criação de gado e de ovelhas. Ele foi um dos primeiros habitantes que chegou ao povoado Cansanção juntamente com Manuel Francelino, que ficou trabalhando como vaqueiro e morando nas terras do coronel. Eles deram ao povoado o nome de Cansanção. Esse nome se originou de muitas plantas que havia naquela localidade chamada de “cansanção”, que é caracterizado como um nome vulgar, dado a várias das espécies de vegetais das famílias *Euphorbiaceae*, dos gêneros *Jatropha* e *Cnidoscolus*. Elas são lastescentes, arbustivas ou arbóreas, possuem pequenos espinhos urticantes ou pelos urticantes, além de o próprio látex causar irritação da pele quando tocada, vulgarmente conhecida como: cansação-de-leite, arre-diabo, pinha-queimadeira urtiga e urtiga-cansanção

Coronel Ulisses Luna faleceu, e o seu genro, Teófilo, vendeu 2 mil tarefas de terra para Manuel Francelino. Desde então, começaram a se construírem casas, na localidade. Suas condições de vida dependiam do trabalho nas terras alugadas do coronel Ulisses. Na época, ainda não havia energia elétrica, os moradores faziam uso

da luz de candeeiro, sua forma de sustento partia do pouco que adquiria trabalhando. Naquela época, existia pouca casa no povoado, uma vez que ele ainda estava se desbravando. Logo após surgiu como cultura do local a tão famosa vaquejada que se estendeu de geração em geração.

Como o povoado era um local pequeno e não havia comércio, as pessoas se deslocavam até a cidade de Inhapi para comprar mantimentos ou vender animais quando necessário, como na época não havia meio de transportes suficientes para se locomoverem, a maioria ia a pé ou a cavalo.

O Povoado Cansanção tinha em média uma população de 30 habitantes, na segunda metade do século XX, hoje, segundo os dados da agente de saúde da comunidade, a comunidade encontra-se com uma população de 100 habitantes. Até hoje a comunidade ainda sofre com a falta de saneamento básico, pois desde sua existência nenhum órgão competente na área buscou levar uma melhoria para lá. A comunidade também não possui rede de água encanada que é distribuída através do saneamento de Alagoas órgão da “CASAL”, levando familiares a pagarem um valor absurdo para serem abastecidos por carros pipas.

A comunidade encontra-se sem posto de saúde e com uma escola para séries iniciais que vai desde o pré ao 5ª ano, sem contar que a escola se encontra em um péssimo estado. O sustento das famílias que residem na comunidade se dá através do plantio do milho, feijão, melancia e abóbora que acontece apenas no período do inverno e quando o inverno não é dos melhores, eles buscam uma outra maneira de sustento, ou seja, essas famílias sobrevivem da agricultura e de negociações nos comércios nas cidades circunvizinhas, assim como Inhapi e Delmiro Gouveia.

Em se tratando de atividades culturais, encontra-se a vaquejada como um dos pontos mais cultivados da comunidade, uma vez que ela vai passando de geração em geração, desde seu surgimento. Seus festejos ocorrem por meio de pega de boi no mato, missa de vaqueiro e cantorias. A vaquejada, por exemplo, acontece, mensalmente, tanto na comunidade como em localidades circunvizinhas, levando os moradores da comunidade a se deslocarem para um outro ponto que acontece o festejo, assim como: Alto dos coelhos, Mandacaru, Frade, Poços Salgado etc.

3.2. Procedimento teórico-metodológico de análise

Este subtópico é destinado a apresentações dos aspectos metodológicos e da análise a que nos destinamos a realizar sobre o acesso à cultura escrita por meio da leitura oralizada, nas Rodas *de conversa*, que aconteciam na segunda metade do século XX, no Povoado Cansanção, município de Água Branca –AL.

Com base nos estudos sobre a História da Cultura Escrita, como já mencionado na Introdução deste trabalho, surgiu a ideia de analisar como ocorreram as práticas de leitura de folhetos de literatura em cordel, dentre alguns deles, a saber: A triste sorte de Jovelina (1945), Grinaura e Sebastião (1978), uma vez que seu acesso se deu por meio da oralidade nas casas dos moradores, dando origem a “Rodas de conversa” no Povoado Cansanção, município de Água Branca-AL.

Quanto a esse tipo de acesso à literatura de cordel mediada pela leitura oralizada, Galvão (2002, p. 123) declara que

Além de coletiva, ou seja, mediada por outras pessoas, a leitura de folhetos era, também, oralizada. O fato de ser realizada em voz alta também parecia constituir em um fator decisivo para que, mesmo os analfabetos, vivenciassem práticas de letramento e, em alguns casos, até aprendessem a ler.

Como se pode observar, a leitura de folhetos que era feita tinha um propósito que vinha desde trazer o conhecimento a pessoas analfabetas até um possível letramento, ou seja, através do que ouviam dos livros que as pessoas buscavam aprender a “ler” para assim fazer uso dos folhetos.

A partir da constituição dessas Rodas *de conversa*, neste momento, buscamos responder a três perguntas, a saber: *onde*, *quando* e *como* se dava o acesso à cultura escrita, isto é, às leituras das obras de cordel, na Comunidade Cansanção.

Os dados obtidos para esta análise são oriundos de entrevistas orais¹² feitas com um informante. As entrevistas aconteceram na casa do colaborador e na casa de parentes, no Povoado Cansanção. Essas entrevistas foram realizadas em três etapas. A primeira aconteceu no dia 13/06/2019, às 10:34. Buscamos, nesse momento,

12 A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (SILVEIRA, 2007, p. 38 apud ALBERTI, 2005, p. 155).

informações sobre o surgimento da *Roda de Conversa*. A segunda entrevista aconteceu no dia 23/07/2019, às 11: 28, a partir dela procuramos saber como aconteciam as *Rodas de conversa* e buscamos ouvir um pouco a respeito do que o colaborador tinha para nos contar em relação ao que liam e ouviam a cada encontro. A última etapa aconteceu no dia 02/02/2020. Nesse último momento, buscamos ouvir do colaborador um pouco mais dos seus relatos sobre suas obras lidas/ouvidas.

Para a realização das entrevistas, as gravações foram realizadas via aparelho celular, depois de coletadas as entrevistas, os áudios passaram por catalogação. Em seguida, foram feitas as transcrições desses documentos.¹³ Quanto aos dados coletado para desenvolver essa pesquisa ele está devidamente guardado em uma pasta do grupo de estudo do GEHCE para que assim sirva como instrumento de pesquisa para outros alunos que buscam desenvolver trabalho nessa área.

A análise parte de fragmentos retirados da entrevista. Relacionamos esses excertos das entrevistas ao levantamento bibliográfico que fizemos a fim de dar conta dos aspectos de leitura e escrita nessa povoação.

3.2.1. Dados do colaborador

Neste subtópico, buscaremos ir mais a fundo para mostrarmos um pouco da história de vivência do colaborador, podendo mostrar como foi sua vida desde a infância à fase adulta.

Jeremias¹⁴, um idoso de 74 anos, nasceu no dia e 15 de Novembro de 1946, no povoado Riacho Serrote município de Água Branca, AL. Aos seis meses de vida, foi morar no Povoado Cansação, onde mora até hoje. Seu povoado de origem está situado na divisa de Água Branca com Inhapi. Ele foi casado na cidade de Água Branca, no dia 23 de fevereiro de 1964, com Elisa e chegaram a ter 25 filhos e hoje contam apenas seis filhos vivos. Ele tem 31 netos e 6 bisnetos, trabalhou desde menino na agricultura, no cultivo de milho, feijão, abóbora e melancia. Segundo Jeremias, ele estudou até a segunda série no município de Inhapi e que naquela época seu pai pagava em torno de 30 tons (conto) de reis de 7 filhos. As dificuldades

13 Estas etapas metodológicas de pesquisa em História oral se basearam em estudos voltados para Ana aria Galvão

14 A fim de garantir o anonimato dos colaboradores, os nomes Jeremias e Elisa são nomes fictícios.

para ir até à escola eram muitas, pois andavam mais de uma légua a pé todos os dias. Ele estudou com 3 professoras: Noêmia de Zé Braga, Nice de Antônio Rufino e Ana.

O pai de Jeremias foi vaqueiro do Coronel Ulisses Luna. Quando Ulisses Luna faleceu, o seu genro, como dissemos anteriormente, vendeu quase 2 mil tarefas de terra ao pai de Jeremias por cento e vinte contos. Jeremias ficou sem pai aos 16 anos de idade ficando com a responsabilidade de cuidar de sua mãe e seus irmãos mais novos junto com os irmãos mais velhos.

4. HISTÓRIAS DAS PRÁTICAS DE LEITURA EM VOZ ALTA NO POVOADO CANSANÇÃO – AL: ENTRE OS MODOS APROPRIAÇÃO, TRANSMISSÃO E RECEPÇÃO

Este capítulo se destina a analisar, por meio dos dados obtidos nas entrevistas com o colaborador, informações referentes à realização das Rodas de conversa. Buscamos verificar os modos de apropriação, transmissão e recepção das literaturas de cordel na segunda metade do século XX, no Povoado Cansanção, por meio da leitura em voz alta.

4.1. Práticas de leitura em voz alta no Povoado Cansanção: como se davam as *Rodas de conversa*?

As *Rodas de conversa* apresentavam-se como momento de descontração por moradores da comunidade que faziam uso de livros de cordéis para buscarem uma socialização entre eles. Esses encontros se davam por meio da leitura oralizada ou práticas de leitura em voz alta.

Essas *Rodas de conversa* se davam como um momento de descontração e aprendizado para os moradores. Eles buscavam uma interação que se dava pela leitura oralizada, ou seja, essas práticas aconteciam pela leitura em voz alta que ocorria entre todos por meio dos cordéis¹⁵. A leitura em voz alta ou leitura oralizada é uma prática de leitura mediada pela oralidade e, normalmente, sediada em espaços coletivos, em reunião em grupo.

As práticas de leitura em voz alta, no Povoado Cansanção, ocorreram por meio de oradores que buscavam novos conhecimentos por meio da leitura de obras de literatura em cordel. Participavam moradores da comunidade, sempre interessados em desvendar novas histórias. Assim como a *História do valente sertanejo Zé Garcia*, de autoria de João Melquíades Ferreira da de Silva, autor de uma das obras citadas durante a entrevista pelo colaborador. Já as demais obras que serão citadas fazem parte da coleção do colaborador como: *Juvenal e o dragão*, de João Martins de Atheyde, ano de 28/02/1978; *Rogaciano e Angelita*, de Antonio Ferreira da Silva, Prop:

¹⁵ Literatura em cordel é uma espécie de poesia popular que é impressa em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura, sendo utilizado em desenhos e clichês zincografados geralmente expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, foi a partir desses traços que se originou seu nome.

João José da Silva; *A moça que virou jumenta porque falou de top less com Frei Damião*, de José Francisco Borges; *O assassino da honra ou a louca do jardim*, de João José da Silva; *A princesa Rosinha na cova dos ladrões*, de Manoel D' Almeida Filho; *O jogador na igreja*, de Antonio Teodoro dos Santos, 1959; *Grinaura e Sebastião*, de José Pacheco da Rocha, 1978; *A triste sorte de Jovelina*, de A. P. Souza, ano 1945; *O terror dos pistoleiros*, de Manoel D' Almeida Filho, 1975; *História de três cavalos encantados*, de José Camelo; *continuação do boi mandingueiro*, de Luiz da Costa Pinheiro.

Nesse processo de práticas de leitura em voz alta, no Povoado Cansanção, de acordo com o colaborador, um primeiro acesso aos exemplares das literaturas de cordel adquiridas e lidas pelos moradores se dava nas feiras livres. Segundo o Sr. Jeremias:

[...] os parente de Ciço de Rita e era os dois que chegaram a trazer os livros primeiro para ver sempre quem trazia e topava na feira comprava livros e chamava Ciço pra ir ler.

Eu não conhecia não, era da banda de Juazeiro, ai eu chegava e via cantano o livro ai eu achava bunito ai comprava 2, 3.

Como podemos ver, baseado na fala do colaborador, a expressão “via cantano o livro” apresenta-se como um ponto bem marcante, uma vez que chamava a atenção dos compradores era a forma como o livro era lido/recitado. De acordo com Galvão (2002, p. 131), em relação às obras de literatura popular, “[...] o ritmo e a estabilidade de certos temas e ideias facilitam a tarefa do poeta e auxiliam a audiência na memorização”, como também, a nosso ver, levavam o sr. Jeremias a se encantar pelas literaturas de cordel cantadas na feira livre.

Os cordéis eram vendidos por um baixo preço em feiras livres, em lonas e penduradas em cordões, eles eram vendidos por camelô. Sua forma de venda acontecia através das entoadas e emboladas que os vendedores faziam causando suspenses para assim alimentar a curiosidade dos feirantes. Outro ponto importante

para chamar a atenção dos compradores eram as xilogravuras¹⁶ ilustradas nas capas dos livros.

Figura 3: Xilogravura



Fonte: Artesanato de Pernambuco

O cordel teve início por meio de cantigas trovadorescas, que era tocada com o auxílio de instrumentos musicais. A literatura em cordel tem uma importância cultural

¹⁶ Xilogravura nada mais é que uma técnica de impressão utilizada em madeira possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre o papel ou outro suporte.

na região nordeste por representar e servir como ponto de informação sobre os acontecimentos regionais e nacionais, trazendo entretenimentos ao seu público leitor-ouvinte, por meio de histórias criativas e inventadas. Esses folhetos, há muito tempo, eram conhecidos como o jornal do povo, por trazerem informações dos acontecimentos da época, retratando a vida dos cangaceiros, histórias de amor, fé, e os senhores etc.

Como já mencionado anteriormente, a expressão “via cantano o livro” faz referência à escrita por ser transmitida para os ouvintes de forma oralizada. Ainda em relação às vendas das literaturas, declarou o colaborador:

No meio da feira mesmo, butava aquela vendinha mesmo, às vezes num fazia nem coberta, estendia uma lona ali e espalhava os livro no chão mesmo e ia cantando ai ia cantar os caba achava bunito e comprava os livros né.

Com base no relato do colaborador, o que fazia as pessoas comprarem grandes quantidades de livros não era só a forma de verem o livro cantado, porém eles demonstravam um grande interesse ao possuírem aquelas obras, um grande apreço por ter uma raridade em suas mãos, mas também a beleza que cada história contada trazia.

Por meio da entrevista, pudemos identificar as cidades do sertão alagoano onde eram adquiridos os livros de literatura em cordel. Mencionaremos a seguir:

Sempre era no chão ou na lona.

Sempre em Inhapi. Comprei ainda em Delmiro e Água Branca quando eu via um livro bunito, o caba lendo, eu ficava escutando ai, ei eu quero esse livro ai.

Com base no que o colaborador fala, Galvão (2010, p. 119) diz que:

A primeira instância de leitura/audição de folhetos era, de modo geral, o momento em que as pessoas iam à feira e ouviam o vendedor: leitura competente, declamada ou cantada em voz alta, interrompida no momento do clímax do enredo. (GALVÃO, 2010, p.119).

Em relação à compra dos cordéis, afirma Galvão (2002, p. 127), “A compra do livreto parecia se constituir na possibilidade de apropriação definitiva, concreta, por

meio da posse de um objeto material, da história, já previamente apropriada pela memorização”.

Como podemos perceber, a fala do colaborador comprova o que Galvão vem falando em sua pesquisa sobre os locais de vendas das obras de cordéis que acontecem em feiras populares das cidades.

Em outras perguntas realizadas na entrevista, o Sr. Jeremias falou em que momento aconteciam as *Rodas de conversa* e em que locais se dava o que poderíamos chamar de um segundo acesso às literaturas de cordel. Segundo ele:

Era na casa de Ciço de Rita, nós sempre ia a boca da noite, uma vez por semana, aí chegava lá se ajuntava e lia.

E ia pra casa de Ciço de Rita as veis pra casa de otro colega que também lia que chamava Dezinho, ai as veis se reunia e escutava (...)

Rapaz, as veis iam pra minha casa, assim Dezinho mermo levava Ciço (Cicero de Rita) mermo as veis também nós se ajuntava tudo e lia ali.

Era pertinho, tinha vez que vinha lá pra minha casa mermo, era pertinho, aí vinha lá para casa outras vez eu ir lá para casa dele quando ele não tava uma a irmã dele era quem lia.

Como se verifica, de acordo com o colaborador, as leituras eram feitas nas casas dos moradores, isso mantém uma relação ao que menciona Galvão (2002, p. 119) ao se referir que:

Os folhetos eram geralmente lidos em grupos, em reuniões que congregavam grandes números de pessoas, na casa de vizinhos e familiares. Aqueles que possuíam um maior número e uma maior diversidade de títulos de folhetos em casa chamavam os parentes e amigos para, coletividade, desfrutarem das leituras da história.

Podemos perceber que o que é relatado pelo colaborador se identifica com dados apresentados por Galvão (2002), uma vez que para acontecer as *Rodas de conversa*, eles se encontravam na casa do vizinho e de familiares. As Rodas de leitura/conversa tinham um caráter mais doméstico, eram, ao que parece, práticas do cotidiano, uma vez que fazia parte da rotina das pessoas envolvidas. Isso se comprova

mais ainda quando seu Jeremias afirma que as Rodas de conversas aconteciam toda semana ou de 15 em 15 dias, sendo sempre por volta das 19:00h às 00:00h.

Embora o local de acesso à leitura oralizada não fosse o mais adequado, a lona como a estante de uma livraria, diante de altas taxas de analfabetismo à época, podemos constatar que se via era uma regularidade do ato de ler, um hábito de leitura. De acordo com Chartier (1945, p. 247) “saber ler é outra coisa, não somente poder decifrar um livro único, mas mobilizar, para a utilidade ou o prazer, as múltiplas riquezas da cultura escrita. ”

Sendo assim, poderíamos considerar que as pessoas que participavam das *Rodas de conversa* eram leitoras frequentes, assíduas. Tal afirmação se dá pelo fato de resinificarmos o ato de ler, isto é, ler não é apenas o ato de passar os olhos sobre o suporte, mas ler também é uma prática da escuta. Embora seja uma leitura sem um compromisso oficial, escolarizado.

As *Rodas de conversa* aconteciam em locais abertos e ventilados, deixando um ambiente mais aconchegante. Os encontros eram feitos debaixo de árvores, as pessoas costumavam sentar em bancos e cadeiras sempre organizadas em círculos.

Ao nos debruçarmos com a pesquisa, percebemos através da fala do colaborador que as *Rodas de conversa*, por sua vez, tiveram um período específico para seu início e fim:

*Rapaz, eu não lembro não, sei que eu tinha uns 12 ano. Sim que eu achei que eu ainda não tinha 12 ano que foi quando meu irmão casou –se eu tinha 12 ano que nasci em 45 e ele casou em 57 ai quer dizer que eu tava completano 12 ano em novembro. Ele tava casou dia 3 de outubro, quer dizer que antes dele casar nós já aí quando ele casou as veis nós **ia pra casa** dele ouvindo história e ia lendo lá sentado assim, sempre o leitor era um primo meu chamado Ciço de Rita era gago mais pra ler livro você ele num falava tudo direito.*

Sabemos que, de acordo com o colaborador, a literatura em cordel traz uma beleza, porém essa beleza apresentava-se não só na história, mas também no ambiente em que aconteciam os encontros provocados pela leitura coletiva que aconteciam entre os membros:

[...] as veis ficava um caba aqui e ficava os outro tudo arrudiado escutano, outras veis no terreiro mermo, sentava no chão e ia escutar. Nesse tempo também o povo tinha Cuma na casa de papai tinha bem 3 bancão de braúna que ia quase daqui no alpende cumpridão, ai o cabra chegava, butava um bancão daquele. Às veis um de frente com o outro sentava ali e outro cá pra escutar.

De acordo com o que foi mencionado pelo colaborador, podemos perceber que eles buscavam uma forma de conhecimento em coletivo e também buscavam uma forma de conforto na hora de fazerem a leitura, mantendo uma relação com o que é falado por Galvão (2002, p. 119-120): [...] não sabemos se a beleza descrita se refere somente às histórias ou também, e talvez principalmente, ao ambiente a partir do encontro provocado pela leitura coletiva”.

Podemos salientar que, durante o período em que houve as *Rodas de conversa*, havia um tipo específico de livro a ser utilizado durante os encontros que era a literatura em cordel, como já mencionamos, porém havia encontros que eles também faziam uso de piadas e histórias de Trancoso como mencionado pelo colaborador adiante:

[...] as veis outra hora o caba quando não era livro se ajuntava um magote na casa e ia contar as história né.

História dos livro mermo né e outras era história de Trancoso mermo né.

Podemos destacar que não só havia a leitura de textos, mas a recitação de outras histórias, todas decorrentes da tradição oral, pela preservação da memória popular. Segundo (Abreu 1997, p.3) “Em comunidades orais, os conhecimentos adquiridos serão perdidos caso não sejam memorizados, pois não há nada além do cérebro que possa conservá-los. ”

Nesse último excerto, durante a fala do colaborador, ele fez uso da palavra *magote*¹⁷ para expressar que ia uma certa quantidade de pessoas ao encontro, essa

¹⁷ Magote uma expressão utilizada por volta da segunda metade do século XX para distinguir uma certa quantidade de pessoas

palavra é uma expressão que era utilizada na época em que aconteciam as *Rodas de conversa*.

Diante do que foi exposto, as *Rodas de conversa* aconteciam de modos diversificados, podendo utilizar outros meios além do cordel, com Galvão (2002, p. 120) diz que:

Além das leituras dos folhetos, nas reuniões coletivas, algumas histórias, originárias de folhetos ou não, eram declamadas pelos que as sabiam de memória. Os contadores de histórias divertiam a plateia ao narrar, com habilidade, contos de tradição oral, em especial as histórias de trancoso.

A fala do colaborador identifica-se com o que Galvão (2002) mencionou em sua pesquisa, uma vez que as *Rodas de conversa* se liam tanto com o cordel como também com outros ditos populares.

Sobre a participação dos leitores-ouvintes, declarou o Sr. Jeremias:

Quem começou mermo foi esse primo meu Cíço de Rita. Ai eu fiquei comprano os livro onde eu acha um bom trazia eu cheguei a possuir 50 e poucos livro aqui dentro de casa ai o povo começaram a tomar emprestado eu já butava até o nome para ver se o povo trazia de volta, ochem de lá dava sumiço.

Em suas experiências, o colaborador traz o primo Cicero de Rita como a grande responsável por mobilizar as pessoas em prol do conhecimento que estava voltado para as *Rodas de conversa*.

Depois dos primeiros livros lidos, algumas pessoas que eram alfabetizadas e não alfabetizadas se mobilizaram para darem continuidade aos encontros como mencionado pelo colaborador:

Pouca gente aqui, era umas 10 pessoa. Ciço de Rita, Sebastião Sertanejo, Manuel Francilino, Dezinho, Sivirino e eu. As veis inter mais mermo [...]. Todos não sabia lê.

Com base na fala do colaborador podemos perceber que os cordéis aproximavam pessoas com isso Abreu (1997, p. 8) diz que:

Os folhetos de cordel nordestinos permitem que pessoas pouco ou nada letradas possam fruir as narrativas neles contidas. Pessoas analfabetas compram folhetos, que serão *ouvidos*, ao invés de lidos.

Com isso entendemos que o conhecimento está para todos assim como mencionado tanto pelo colaborador quanto pela autora.

Em meio aos encontros, havia pessoas que iam para ler, e outros apenas para ouvir, sendo que os encontros aconteciam entre primos, pais e filhos e com pessoas que não tinham parente algum, porém, em meio aos encontros, havia o Sebastião Calado que era um comerciante pernambucano que trazia livros de cordel e também desfrutava do aprendizado que acontecia na comunidade, passando um pouco do seu conhecimento para aqueles que iam apenas com o intuito de ouvir. Em meio as *Rodas de Conversa*, participavam tanto adultos quanto crianças, sendo que as pessoas que iam com frequência eram: Ciço de Rita, Sebastião Sertanejo, Manuel Francilino, Dezinho, Sivirino e Jerenias.

Essas leituras aconteciam justamente por ser considerada como o ponto de informação das pessoas, pois as histórias contadas em livros eram vistas como o Rádio do povo, isso porque ele era o único meio de entretenimento da época e da região.

Quanto à questão do que era lido nas *Rodas de conversas* o que chamava a atenção dos leitores-ouvintes era a forma como ele era cantado. Naquela época, o nível de escolaridade era baixíssimo, uma vez que quem tinha acesso à escola eram apenas pessoas que podiam pagar para estudar, pois a única renda da época era adquirida, tirada da roça, por se tratar de pequenos agricultores

As Rodas de conversa eram um meio de divertimento, de encontro. Por meio delas, seu leitores e leitoras-ouvintes viajavam nas histórias-lidas-ouvidas. De acordo com o Sr. Jeremias, havia a pessoa certa para ler. Disse-nos:

Tinha já a pessoa certa já, sempre era um primo meu Cícero de Rita ou sinão era bichinho o filho do velho Sivirino, Dezinho do velho Sivirino.

Com a falta dos meios tecnológicos, assim como celular, televisão, rádio e etc. os moradores dessa localidade se viram aptos a desenvolver um novo meio de entretenimento por meio da leitura oralizada que era feita através de livros de literatura em cordel. Com isso o colaborador diz que:

Muita gente que gostava, naquele tempo não existia televisão né, até radio era difícil naquele tempo, aí o caba as vezes se ajuntava um rebanho e ia ler livro era contado história ali né.

Mas, com base na fala do colaborador, percebemos que o intuito de cada *Roda de conversa* não era apenas o entretenimento e sim a busca pelo conhecimento, uma vez que quem participava não era apenas pessoas letradas. Identificando-se com a fala de (Abreu 1997, P. 8) ela diz que: “os folhetos de cordel nordestinos, permite que pessoas pouco ou nada letradas possam fruir as narrativas neles contidas”.

Como mencionado, anteriormente, os encontros serviam como uma busca ao conhecimento e de acordo com o colaborador também servia como um ponto de encontro para reunir as amizades.

Aí faz como o dizer sempre a amizade da gente, aí o caba participava ali, assistia muito né, tudo ali, aí eu nós gostava muito, por isso, só adespois quando os caba ficou mais sem ler livro aí nós ajuntava nas casas só pra dizer piada também.

Com base na fala do colaborador, podemos perceber que há um contraponto em meio a fala do colaborador e de (Galvão 2002, p. 125) quando ela diz que:

“[...] parecia ser sua função ou sua consequência primeira: o lazer, o divertimento, a inserção em um mundo mágico. O interesse despertado pelas histórias – a dimensão estética das obras é destacada – é que determinava essa função de cunho mais pragmático da leitura [...]”

É interessante notar que o colaborador faz uso de a palavra “assistir” ao invés de ouvir para marcar como aconteciam as *Rodas de conversa*. Mostrando que a História da cultura escrita tem um papel importantíssimo quando se tratando da leitura oralizada. Conforme Castillo Gómez (2003, p.15),

Si nos atenemos al número de títulos publicados en las dos últimas décadas o a las iniciativas académicas y culturales que han tenido su reclamo em el mundo de la escritura y del libro, podría afirmarse que los estudios sobre historia de la cultura escrita gozamos de buena salud.

As pessoas que viveram em coletividade durante o percurso que as *Rodas de conversa* iniciaram mostrava grande apreço pelos encontros uma vez que suas leituras eram feita por uma pessoa que se apresentava com dificuldade na fala.

Como mencionado anteriormente, as *Rodas de conversa* tinham seu período e tempo para iniciar, porém Ciço de Rita, Sebastião Sertanejo, Manuel Francilino, Dezinho, Sivorino e Jerenias faziam uso de um horário fixo, esses encontros eram feitos em casa de parentes e embaixo de pé de árvores sobre a luz de um candeeiro, justamente por não ter a energia elétrica.

De acordo com o colaborador, durante a leitura das obras, todos faziam silêncio e no final havia o comentário por acharem a história que acabava de ser contada bonita.

Todos se comportava bem, as veis dava risada quando saia uma história bonita, mais ninguém ficava conversando era escutando o livro.

Só comentava porque todos achavam bonito né

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História da cultura escrita apresenta-se como um campo que investiga as práticas de ler e escrever. Ela trabalha com diversas abordagens para ajustar e delimitar o que de fato interessa na pesquisa sobre cultura escrita.

A leitura em voz alta era representada como o rádio do povo do povo, ou seja, como eles não tinham acesso a esse meio tecnológico desfrutavam dos grandes acontecimentos que estava exposto nos cordéis.

O estudo feito sobre Ai eu chegava e via cantando o livro, práticas de leitura em voz alta no povoado Cansanção (Água Branca-AL): via de acesso à cultura escrita nos levou a perceber a existência de grandes lacunas em relação ao ensino como o ler e escrever que era enfrentada por moradores analfabetos da comunidade na busca pelo conhecimento por meio de *Rodas de conversa* que aconteciam na casa de moradores semianalfabetos. Essas *Rodas de conversa* se davam por meio de leituras de literatura em cordel e algumas vezes faziam uso de história de trancoso.

Podemos perceber que a literatura de cordel pôde organizar conceitos e melhorar a possibilidade de novos vínculos no Povoado, pois foi através da circulação do livro no Povoado Cansanção que surgiram novas possibilidades de interação àquela população que não tinha acesso à escolarização. O processo de circulação da literatura de cordel trouxe um ponto positivo, resgatou histórias de leitura de determinados povos do povoado Cansanção, assim mantendo a cultura daquela época. Podendo assim trazer contribuições para a cultura escrita, dos povos que buscavam através da compra de folhetos de cordel expressar sua cultura, para que a mesma continuasse viva. Com a intenção de melhorar o aperfeiçoamento e interação do povoado. Garantindo a o engajamento de boa parte do povoado à cultura escrita, que era mediada pela escrita ou até mesmo pela oralidade.

O que me levou a despertar o interesse nessa área de pesquisa se deu por meio de um projeto acadêmico nos quais fiz parte possibilitando maior interesse e envolvimento com a área investigada. Com isso decorrem a escolha epistemológicas que está voltada ao processo de formação e conhecer melhor a história da cultura escrita voltada a literatura em cordel na comunidade.

Essa pesquisa foi de grande importância para que esse trabalho ganhasse um corpo, possibilitando um melhor processo de investigação que se refere à

compreensão do aprendizado de moradores no sertão alagoano voltado a encontros, onde os membros ouviam os cordéis passado por pessoas que desenrolavam um pouco a leitura escrita.

Quanto pesquisadora percebi que as Rodas de Conversas aconteciam em plena metade do século XX como algo motivador uma vez que a maioria não sabia ler nem escrever, mas era por meio de encontros semanais que eles desenvolviam o pleno conhecimento voltada para leitura oralizada.

É importante destacar que o que foi mencionado neste trabalho não se estabelece como verdades absolutas e sim como uma investigação baseada no ponto de vista do colaborador com base no que se passava nos encontros comunitários.

Podemos ressaltar que foram obtidos grandes resultados com esta pesquisa, uma vez que foi encontrada a literatura em cordel como momento de descontração e conhecimento dos moradores que liam e ouviam.

Este trabalho traz uma grande contribuição para a História da cultura escrita por mostrar que o conhecimento não pode ser adquirido apenas por quem é letrado e sim por todos que procuram o saber inerente a falta de escolaridade, pois o saber está vinculado para todos.

Esta pesquisa traz contribuições para a universidade, primeiramente por não haver pesquisa voltada para essa área no sertão, e podendo fazer com que outros alunos a use como exemplo para investigar uma outra comunidade. Através do que foi mencionado, Galvão (2003), Castillo Gómez (2003) foram os teóricos entre outros que me deram embasamento na pesquisa do trabalho de conclusão de curso.

Consideramos que o trabalho realizado foi muito significativo por mostrar a força de vontade das pessoas que buscavam tanto o conhecimento quanto as informações que aconteciam em torno do sertão alagoano por meio do rádio do povo que era a leitura em voz alta tirada dos livros de cordel.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos**. - E L.O.,3 (1997)
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas/** Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora UNESP 1992.
- Casa do colonizador Ulisses Luna Disponível em. > <http://cariricangaco.blogspot.com/2017/09/ulisses-luna-delmiro-e-fazenda-cobra-no.html> acessado no dia 16/07/2017 às 12:58
- CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes-** [São Paulo]: imprensa oficial do estado de São Paulo: Editora UNESP{1998}
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do antigo regime /** Roger Chartier; tradução Álvaro Lorencini.- São Paulo: editora UNESP, 1945
- Colonizador Ulisses Luna. Disponível em. > <http://meioambienteetourismo.blogspot.com/2016/07/16/casarao-do-colonizador-do-sertao-esta-prestes-a-desabar-e-precisa-da-ajuda-do-governo/>. Acessado no dia 26/02/2020 as 20:39 min.
- Dicionário Terminológico. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/dplant/node/600>>. Acessado no dia 16/11/2020 às 11:25 min.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da cultura escrita: século XIX e XX/** Ana Maria de Oliveira Galvão... [et al.], (orgs.). - Belo Horizonte: Autentica Editora, 2007.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização - o caso do cordel (1930-1950):** educ. soc., Campinas, vol.23,n.81,p.115-142, dez.2002.
- GÓMEZ, Antonio Castillo. **Historia de la cultura escrita: ideas para el debate.** Revista Brasileira de História da Educação, Campinas; n. 5, p. 93-124, janeiro/junho 2003.
- KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor.** Revista de Educação do Ideal, dezembro, 2015.
- Mapa satélite de água Branca a Cansanção. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-9.3814784,-38.0010496,12z>>.Acessado no dia 16/11/2020 às 10:50 min.
- MARTINS, Cristiane Roberta. **Literatura de cordel em sala de aula: um estudo do gênero:** Cristiane Roberta Martins... [ET AL.] – franca, outubro, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias/** José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro. - São Paulo: contexto 2011.
- NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. Delmiro e a educação na pedra/ Edvaldo Francisco do Nascimento. - 4.ed.- Maceió: imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.
- QUINTELA, Vilma mota. **Literatura e práticas de leituras nos domínios da oralidade.** – abralin/ SE, Itabaiana Sergipe, ano VIII, v. 17, jan. /Jun. 2013.
- SILVEIRA, Éder da Silva. **História oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico,** 2007.
- Xilogravura. Disponível em. > <http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre> Acessado no dia 16/11/2020 às 13:37 min.

Apêndice



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO

COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE E CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado(a): _____

RG: _____ emitido pelo(a): _____

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a): Rosilene dos Santos Gonçalves, CPF: 114.749.054-63, RG: 3642876, emitido pela Secretaria de Estado de Defesa Social, domiciliada no Povoado Moreira de Baixo, Comunidade Quilombola, Água Branda – AL, aluna regularmente matriculada no curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, sob a matrícula 13213767, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à construção de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado 'Práticas de leitura oralizada no Povoado Cansação: via de acesso à cultura escrita', sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Trindade Matias, pesquisador-líder do Grupo de Estudos em História da Cultura Escrita (GEHCE – CNPq) da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica consequentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. O(a) pesquisador(a) se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade. -----

Local e Data: _____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

¹ Adaptado do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG – PR).

Anexos

1. Através de quem o senhor conseguia os livros de literatura em cordel?

2. Qual o interesse por esse tipo de livro?

3. E porque literatura em cordel ao invés de outro livro?

4. Todos faziam parte da roda de conversa sabiam ler?

5. E como os demais se comportavam na hora da leitura?

6. Alguém comentava sobre a leitura que era feita naquele momento?

7. Tinha uma pessoa específica para fazer a leitura ou resolvia na hora?

8. Mais além dos dois tinha mais alguém que fazia a leitura também?

9. Qual a postura na hora de ler? Como liam sentado em pé?

10. O que levou a criarem essa roda de conversa, se reunirem em grupo para lerem esses livros?

11. Onde era o local onde vocês liam. Era em uma casa debaixo de um pé de pau?

12. Mais alguém na comunidade tinha conhecimento das rodas de conversas?

13. Os leitores escreviam nas margens do livro?

14. Qual a sensação do senhor guardar essas obras hoje?

15. Havia alguém que vendia livros por aqui?

16. Onde o senhor conseguia esses livros?

17. e qual a cidade que o senhor comprava?

18. Como acontecia essas vendas desses livros era em biblioteca na rua?

19. Com qual frequência acontecia as rodas de conversas com vocês?

20. Quem deu início ao surgimento as rodas de conversas? Quem começou?

21. E qual era a expectativa ao lê um livro? O que o senhor sentia quando lia um livro?

22. o conhecimento era através do cordel.

23. Havia alguns gestos na hora da leitura?

24. Quantas pessoas faziam parte das rodas de conversas?

25. Quanto tempo durou esses encontros?

26. Na época o que as pessoas falavam a respeito dessas leituras?

27. Qual o nível de parentesco entre as pessoas que faziam parte das rodas de conversas?

28. De acordo com suas experiências adquiridas o senhor retomaria a essas rodas de conversas hoje?

29. o que o senhor **tirou lição** dessa experiência?
